

persona Virgínia Leone Bicudo

Uma pioneira da psicanálise

NEGRA E DE ORIGEM MODESTA, A SOCIÓLOGA BRASILEIRA ENCANTOU-SE PELAS TEORIAS FREUDIANAS NA DÉCADA DE 30 E AJUDOU A DIVULGÁ-LAS NO PAÍS



- **1910** – Nasce em São Paulo, em 21 de novembro.
- **1935** – Inicia o curso de sociologia na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP-SP).
- **1937** – Começa terapia com Adelheid Koch
- **1949** – Participa da fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).
- **1955** – Começa o curso na Clínica Tavistock, em Londres, e volta ao Brasil dois anos depois.
- **1961** – Funda o Instituto de Psicanálise Paulista, que dirige até 1974.
- **1964** – Torna-se professora do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa, em São Paulo.
- **1967** – Começa a fazer parte do corpo editorial da *Revista Brasileira de Psicanálise*.
- **1971** – Inicia a formação do primeiro grupo de psicanalistas em Brasília.
- **2003** – Morre em São Paulo, aos 92 anos.

A fundadora do movimento psicanalítico paulista, Virgínia Leone Bicudo, nasceu em São Paulo, em 21 de novembro de 1910, em uma família de origem modesta. A mãe, descendente de italianos, era dona de casa, e o pai, Theophilo Julio Bicudo, era negro e professor primário. Foi seguindo seus passos que ela cursou a escola normal, antes de assumir a função pública no Instituto de Higiene e o posto de educadora sanitária, em 1930. Era apenas o início da carreira marcada por desafios, reviravoltas e conquistas dessa personalidade curiosa e atravessada por múltiplas filiações teóricas.

"Eu tinha um grande sofrimento, sofria muito e não entendia por que, pensava que isso vinha da sociedade", dizia. Essa inquietude a levou a se inscrever na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP-SP), formando-se em 1938. Logo no primeiro ano, porém, compreendeu que havia algo mais e que "a perturbação psíquica também vem do interior". Foi quando, pela primeira vez, ouviu falar em Sigmund Freud e em psicanálise, na disciplina de psicologia social, ministrada por Noemy da Silveira Rudolfer (1902-1988).

FORMAÇÃO DIDÁTICA

O impacto dessa descoberta a levou a procurar o psicanalista Durval Marcondes (1899-1981), na época já reconhecido nos meios intelectual e médico como um militante da causa psicanalítica. O momento não poderia ser melhor. Ao mesmo tempo que negociava condições para implantar a disciplina na saúde pública e no meio acadêmico paulista, arregimentava interessados em constituir o primeiro grupo de analistas a ser formado no divã de Adelheid Koch (1896-1980), a psicanalista judia alemã que, fugindo do nazismo, tinha acabado de chegar ao Brasil e a havia contatado por recomendação de Ernest Jones, presidente da Associação Internacional de Psicanálise (IPA) na época.

O primeiro encontro entre as duas, em novembro de 1937, começou como uma análise pessoal que logo se tornou formação didática. Um ano mais tarde esse fato marcaria o início da atividade profissional que ela exerceria por mais

de meio século. Seus dois primeiros pacientes eram de classes sociais distintas, como disse em depoimento em 1989 ao Projeto Memória da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP): "Um era um jovem de 18 anos, aprendiz de alfaiate e o outro, filho de fazendeiro". Assim, ela traduzia essa característica dos primeiros tempos da prática psicanalítica no Brasil, presente simultaneamente na saúde pública, na clínica e na universidade.

Concomitantemente à sua clínica, em dezembro de 1938 começou uma nova experiência ao ser nomeada para o cargo de "visitadora psiquiátrica" (função correspondente ao que, mais tarde, se tornou a profissão de psicólogo) da Clínica de Orientação Infantil, uma vez mais a convite de Durval Marcondes. Na época diretor da Seção de Higiene Mental Escolar, Marcondes criou essa função com o objetivo de introduzir a psicanálise na saúde pública, para organizar a Assistência Médico-Pedagógica do Estado de São Paulo.

Logo, sob o olhar atento de seu mestre, Virgínia passou a formar profissionais que tinham como principal função recolher dados e analisar o modo de vida da chamada "criança problema" e de seu universo familiar e social, além de atender alunos com dificuldades emocionais e dar orientação aos familiares e educadores, uma atividade que persistiu até meados dos anos 60.

Como militante da causa psicanalítica, uma de suas principais missões foi contribuir para a difusão da doutrina no meio acadêmico. Em 1941 passou a integrar o corpo docente da Escola de Sociologia e Política – hoje Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) – como professora-

[CONCEITOS COMO TRANSFERÊNCIA, DEFESA, INTROJEÇÃO E IDENTIFICAÇÃO FORAM USADOS POR ELA EM SEU MESTRADO EM SOCIOLOGIA, EM 1945]



FORMATURA NO CURSO DE SOCIOLOGIA NA ELSA, DE SÃO PAULO: Virgínia busca de respostas para suas inquietações

assistente de Marcondes na disciplina psicanálise e higiene mental, que ofereceria conhecimentos psicanalíticos necessários para a boa compreensão dos fenômenos sociais.

Tornou-se titular em 1949 e permaneceu no corpo docente até o final da década de 60, ministrando aulas sobre obras conhecidas como "sociológicas" de Freud, onde evidenciava a origem do vínculo social e do percurso que introduz o indivíduo no grupo e na sua história coletiva. Desde então, com exceção de raros pequenos períodos em que foi retirada do programa, a disciplina psicanálise faz parte da formação dos sociólogos daquela instituição.

A aproximação da sociologia com a psicanálise já aparece em seu mestrado, concluído em 1945 na mesma escola,

com a dissertação *Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. A pesquisa, com base nos trabalhos do sociólogo americano Donald Pierson (1900-1995), embora não cite nenhum texto de Freud e de autores freudianos, pauta-se na noção de transferência para analisar as relações entre entrevistador e entrevistado, além de utilizar os conceitos de defesa, introjeção e identificação. Esse foi o primeiro de uma série de escritos que, juntamente com o final da análise com Adelheid Koch, encerravam uma etapa desse percurso para sempre marcado pelo diálogo com outros saberes.

Mas uma nova perspectiva de vida se abria para Virgínia, que chegou à psicanálise convencida de que seu sofrimento era devido a sua ascendência. Na carreira acadêmica, além da sociologia,

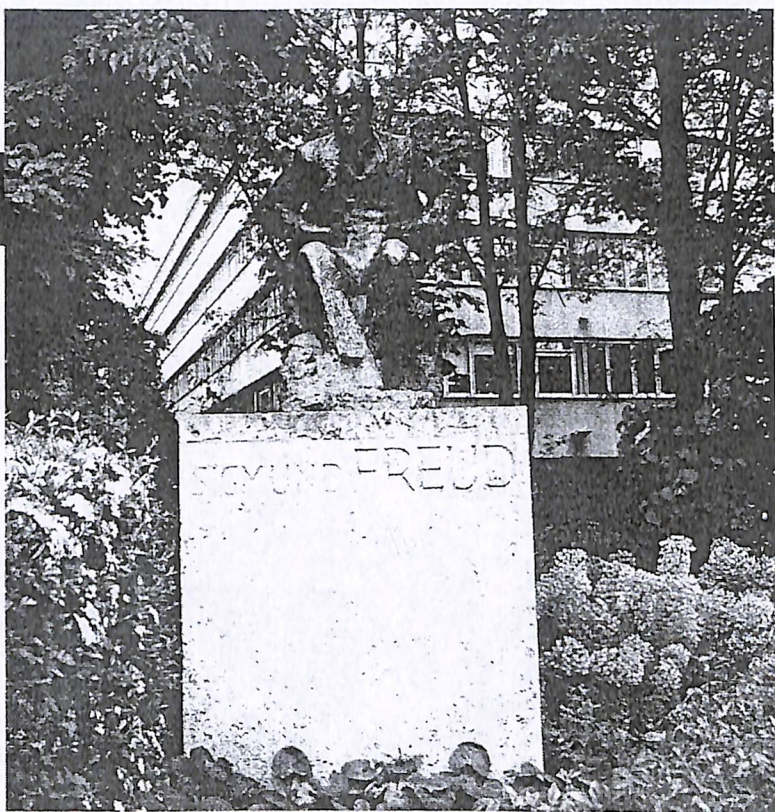
persona

foi professora do curso de especialização em psicologia clínica da Universidade de São Paulo (USP), em 1954, e de psicologia médica na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa, em São Paulo, em 1964.

Virgínia foi bastante atuante também na batalha pelo reconhecimento da SPBSP pela Associação Internacional de Psicanálise (IPA) – uma conquista obtida em 1950. Ao longo dessa década, além de atuar como analista didata, participou ativamente da vida societária, assumindo os cargos de secretária (1952-1954) e tesoureira (1950-1954) da instituição.

Em 1955, instalou-se em Londres, iniciando análise outra vez, agora com Frank Philips. Durante sua estada, estagiou na prestigiosa Clínica Tavistock, entre 1955 e 1957, e frequentou diferentes seminários da sociedade britânica. Como membro da instituição paulista, conviveu com Melanie Klein (1882-1960) e assistiu às reuniões mensais reservadas aos psicanalistas daquela instituição. Assim, pôde observar a vida institucional londrina e, em particular, acompanhar as diferentes tendências que polarizavam os debates internos, além de ver emergir o pensamento de Wilfred Bion (1897-1979).

Em dezembro de 1959, retornou ao Brasil muito mudada: havia se transformado de tímida e discreta em uma mulher resplandecente. Trazia na bagagem o modelo psicanalítico londrino que lhe permitiu fundar, em 1961, o Instituto de Psicanálise, vinculado à SBPSP, que dirigiu até 1974. Apesar das inúmeras críticas à postura estrita, diretiva e autoritária que caracterizou sua longa gestão, a intervenção de Virgínia redirecionou




HOMENAGEM A SIGMUND FREUD, na lateral do prédio onde funciona a Clínica Tavistock, em Londres: onde Virgínia estudou na instituição entre 1955 e 1957

a prática psicanalítica local, rompendo com a tradição "ortodoxa" freudiana (como se dizia na época) e impondo as concepções da escola londrina que então atualizavam as técnicas psicanalíticas, na versão kleiniana e bioniana, por vezes ao preço do abandono dos escritos de Freud. Virgínia também foi responsável pelo retorno do principal discípulo de Bion, o psicanalista Frank Philips, a São Paulo. Até o início da década de 80, essas concepções difundidas por ela dominaram o campo psicanalítico no Brasil.

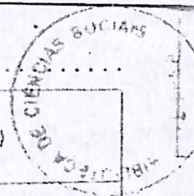
No começo dos anos 70, começou a exportar a psicanálise para outras regiões do país, e em Brasília formou a primeira geração de analistas brasileiros. Além de conferências em jornadas, encontros e congressos nacionais e internacionais, deixou uma produção escrita considerável,

composta por artigos acadêmicos, clínicos, institucionais e de vulgarização da doutrina, incluindo o programa *Nosso mundo mental*, que apresentou na rádio Excelsior, em 1950.

Boa parte dessa produção está publicada em livros, na imprensa diária, mas, sobretudo, em revistas de instituições afiliadas à IPA, alguns artigos em outros idiomas como inglês, espanhol e francês. Virgínia foi responsável também pela criação das primeiras publicações institucionais no país, como o *Jornal de Psicanálise*, em 1966, e a *Revista Brasileira de Psicanálise*, no ano seguinte.

Com muita energia, conduziu sua clínica até o início da década de 90. Virgínia morreu em setembro de 2003. Em sua homenagem, a biblioteca da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo leva o seu nome. 

C. LUCIA M. VALLADARES DE OLIVEIRA é socióloga e psicanalista, professora do curso de especialização em teoria psicanalítica da Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Cogeae-PUC/SP) e do Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP). Autora de *História da psicanálise: São Paulo 1920-1969* (Escuta, 2005).



NOME	ANO DE CONCLUSÃO (*)	NÍVEL (**)	DESTINO (***)
01 - CRACY NOGUEIRA	1945	M	São Paulo - SP Universidade de São Paulo - Departamento de Ciências Sociais
02 - GIOCONDA MUSSOLINI	1945	M	São Paulo - SP Universidade de São Paulo
03 - VIRGINIA LEONE BICUDO	1945	M	Falecida Brasília, DF ?
04 - NOEMIA IPPOLITO	1946	M	São Paulo - SP Prefeitura do Munic. de SP Falecida
05 - LUCILA HERMANN	1946	M	São Paulo - SP USP, SP Falecida
06 - FLORESTAN FERNANDES	1947	M	São Paulo - SP Universidade de São Paulo - Departamento de Ciências Sociais
07 - FERNANDO ALTENFELDER SILVA	1949	M	Rio Claro - SP UNESP - Campus de Rio Claro
08 - LEVY PORFIRIO DA CRUZ	1951	M	EMBRAPA ?
09 - DAVID MAYBURY LEWIS	1956	M	Universidade de Harvard. No momento, Prof. Visitante Univ. de Brasília
10 - SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA	1958	M	São Paulo - SP Universidade de São Paulo Falecido
11 - JOSE FABIO BARBOSA DE SILVA	1960	M	Estados Unidos da A. do Norte Sem endereço conhecido no momento
12 - ALDEMAR MOREIRA	1961	M	São Paulo - SP Escola Superior de Administração e Negócios - ESAN
13 - ODILON PEREIRA DA CRUZ	1961	M	São Paulo - SP Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
14 - JAVIER ESPINOSA ZEVALLOS	1963	M	Guay a quil - EQUADOR Prof. da Academia Naval
15 - ALFREDO JOÃO RABAÇAL	1963	M	São Paulo - SP Instituto de Artes Planalto da UNESP
16 - JOSÉ PASTORE	1963	M	São Paulo - SP Universidade de São Paulo - Departamento de Estatística, Economia e Administração
17 - MANOEL TOSTA BERLINCK	1964	M	Campinas - SP UNICAMP

(*) Indicar o ano da defesa da tese — se não defendeu tese, colocar um asterisco (*) junto ao ano da conclusão do curso.
 (**) Colocar M para mestrado e D para doutorado.
 (***) Indicar — se possível — a Instituição onde atualmente trabalha.